



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



SANTOS

VIVENCIANDO A HISTÓRIA - CURRÍCULO SANTISTA



Militão Augusto de Azevedo. *Cidade de Santos tirada da Ilha de Barnabé, 1862.*
Instituto Moreira Salles

ANOS FINAIS - 8º ANO - MATERIAL DO ESTUDANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

SEDUC/DEPED/COFORM/COPED

SEFORM/SENUTEC

2020

José Bonifácio: patriarca da Independência?

Atividade 1. Observação das fotografias



A

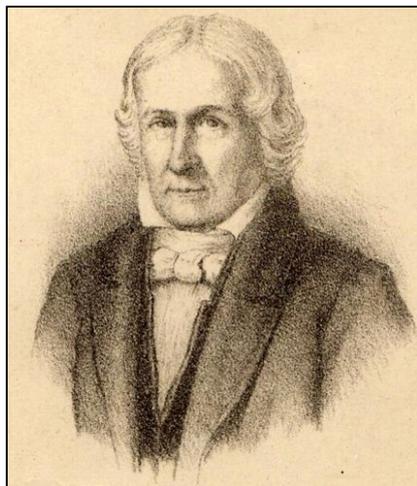


B



C

1. Quais os nomes dos lugares fotografados e em qual cidade se localizam?
2. Que personagens da história brasileira dão nome a esses lugares?
3. Quais motivos, na sua opinião, podem ter levado à atribuição dos nomes desses personagens a esses espaços públicos?



A essa altura, você já deve ter percebido que o tema da atividade é José Bonifácio de Andrada e Silva. Afinal, quem foi José Bonifácio? Por que ele dá nome a praças, ruas, prédios públicos e até cidades e por que há tantos monumentos, inclusive fora do Brasil, em sua memória? Você conhece esses monumentos em Santos? Por que Bonifácio é conhecido como o Patriarca da Independência? Que ideias ele defendeu? É o que estudaremos hoje! Uma dica: José Bonifácio nasceu na cidade de Santos!

Atividade 2. Produção de biografia: quem foi José Bonifácio

Faça uma pesquisa e escreva uma biografia de José Bonifácio, buscando narrar os principais eventos de sua vida e explicar por que ele ficou conhecido como Patriarca da Independência. Produza seu próprio texto e não deixe de citar, pelo menos, duas fontes de pesquisa.

Atividade 3. Problematização

Leia, a seguir, o trecho da entrevista do jornal *O Globo* com a historiadora **Mary Del Priore [MDP]**, que produziu a mais recente pesquisa sobre a vida de José Bonifácio.

“José Bonifácio não era esse luminar que o passado ecoou”, diz autora de biografia.

O Globo: “As vidas de José Bonifácio” desconstrói o mito do heroico “Patriarca da Independência”, do homem de ciências, do grande mentor intelectual de D. Pedro I...

MDP: Primeiro, desconstrução não é destruição. Nos últimos dez anos, as biografias procuram não mais dar vitaminas, nem animar heróis. Elas buscam apontar homens de carne e osso, pessoas com problemas e dificuldades. E mostrar que personagens e suas histórias são modelados por seu tempo e não só por características pessoais [...]

O Globo: De que forma acha que o tempo moldou a figura de José Bonifácio?

MDP: Ele teve uma existência entre a Europa e o Brasil. Essa característica permite enxergar o Brasil de longe. Dá uma dimensão de como o brasileiro é visto na Europa. Essa troca de olhares me parece riquíssima. Quando ele sai de Santos, aos 14 anos, deixa uma colônia adormecida e sonolenta, para chegar a uma Europa em fogo – com a Revolução Francesa, as Guerras Napoleônicas... Quando ele faz o trajeto inverso, mais de 30 anos depois, deixa uma Europa relativamente estabilizada, e vai encontrar um Brasil em fogo.

O Globo: Como define a trajetória dele?

MDP: Eu diria que José Bonifácio é uma figura pouco conhecida. Fala-se muito e conhece-se pouco. A trajetória dele foi morna.

Longe de integrar essa constelação de estrelas, de fazer parte da Royal Society ou da Sociedade Filomática, que eram o máximo na área das ciências à época, ele passa muito ao largo de tudo. Vários biógrafos diziam que ele falava muitas línguas, mas, com exceção do inglês, era raso em outras. Enfim, não era esse luminar que a historiografia dos anos 1920 e 1930 procurava ecoar.

O Globo: De onde vem, então, a ideia do "Patriarca da Independência"?

MDP: No livro, exploro bastante o tema da construção da autoimagem. Em 1823, o José Bonifácio funda um jornal, "O Tamoyo", e se autoentrevista. Ele se intitula o "Velho do Rocio", e as perguntas todas são feitas no sentido de explicar por que foi destituído do ministério do Reino e dos Negócios Estrangeiros por D. Pedro I mesmo tendo lutado tanto pela Independência. Graças ao "Tamoyo" e a outro jornal, ele consegue construir essa imagem do "Patriarca da Independência". Que é retomada em 1922, no centenário da Independência, e vai ser ratificada por historiadores do período. Todo mundo embarca no patriarca, mas quem inventa o título é ele mesmo, o José Bonifácio.

O Globo, 23 de março 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/jose-bonifacio-nao-era-ess-e-luminar-que-passado-ecoou-diz-autora-de-biografia-23544141>.

Acesso em: 23/06/2019.

Após a leitura da entrevista, responda às perguntas abaixo.

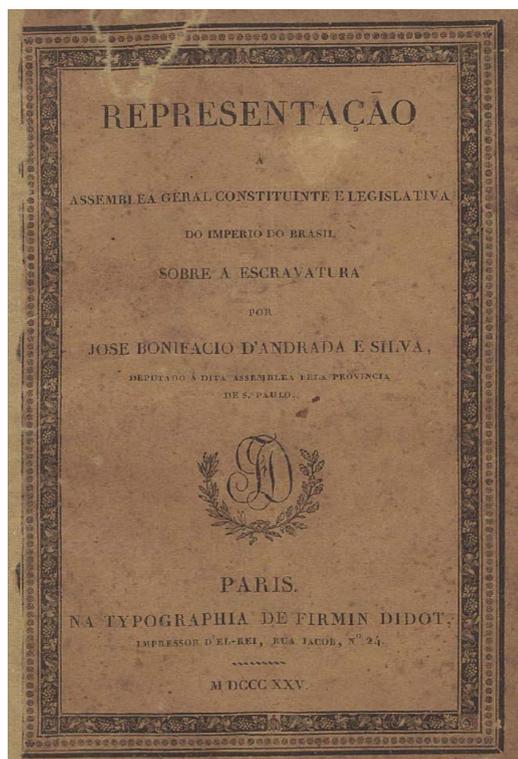
- a.** Compare as informações que você levantou na sua pesquisa sobre a vida de José Bonifácio com as teses defendidas pela historiadora Mary Del Priore. Há semelhanças? E diferenças? Quais são?
- b.** Explique, de acordo com a entrevista que você leu, a origem da tese segundo a qual José Bonifácio teria sido o "Patriarca da Independência".
- c.** A ideia de que Bonifácio foi o "Patriarca da Independência" surgiu no século XIX e está presente até hoje, como vimos ao falar dos diversos locais, prédios e monumentos dedicados a ele em Santos, no Brasil e no mundo. Em qual momento da história essa ideia foi retomada e passou a ser difundida?

Atividade 4. José Bonifácio, escravidão e mestiçagem

Leia os textos a seguir.

Texto 1: "O mal está feito, senhores, mas não o aumentemos cada vez mais; ainda é tempo de emendar a mão. Acabado o infame comércio de escravatura, já que somos forçados pela razão política a tolerar a existência dos atuais escravos, cumpre em primeiro lugar favorecer a sua gradual emancipação, e antes que consigamos ver o nosso país livre de todo deste cancro, o que levará tempo, desde já abrandemos o sofrimento dos escravos, favoreçamos, e aumentemos, todos os seus gozos domésticos e civis;..."

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio, *Representação à Assembléia Nacional Constituinte do Império do Brasil sobre a Escravatura* (1823), p. 25. O documento completo está disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518681/000022940.pdf?sequence=7&isAllowed=y>. Acesso em: 09/06/2020.



O trecho lido pertence à *Representação à Assembléia Geral Constituinte do Império do Brasil sobre a Escravatura*, apresentada por José Bonifácio à Assembleia Nacional Constituinte de 1823, quando ele ocupava o posto de Deputado na Constituinte pela Província de São Paulo. De acordo com o trecho:

- a. O que pensava Bonifácio a respeito da escravidão?
- b. Qual a sua proposta para lidar com a questão da escravidão no Brasil?

Texto 2: em *Apontamentos para a Civilização dos Índios Bravos do Império do Brasil*, José Bonifácio apresenta um programa de integração dos indígenas à sociedade nacional: "Vou tratar do modo de catequizar, e aldear os índios bravos do Brasil: matéria esta de suma importância, mas ao mesmo tempo de grandes dificuldades na sua execução". Ele acreditava que essa integração se daria por meio da mestiçagem, possibilitando o surgimento de uma nova raça e a criação de uma cultura comum, na qual deveria prevalecer o elemento branco, visto por ele como elemento civilizador. Para isso o governo deveria "favorecer por todos os meios possíveis os casamentos entre índios, brancos e homens de cor". Tratou-se,

então, de um projeto que visava à aculturação da população negra e indígena, considerada por ele não civilizada e, portanto, inferior. Bonifácio, a esse respeito, pensava o cristianismo como religião "verdadeira" e considerava as religiosidades de matrizes africanas e indígenas como "momices e superstições".

Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/jose_bonifacio.html.

Adaptado. Acesso em: 09/06/2020.

Com base no texto, responda:

- a. Como José Bonifácio se posicionava em relação à questão da integração das populações negra e indígena à nação brasileira?
- b. De acordo com ele, como essa integração deveria ocorrer?
- c. Brancos, negros e indígenas eram iguais no pensamento de Bonifácio? Justifique sua resposta.

Atividade 5. Pesquisa: os monumentos em memória dos irmãos Andradas em Santos

Agora que você conhece um pouco mais sobre José Bonifácio, as contradições em torno de sua figura e os contextos de surgimento e de difusão de sua representação heroica como "Patriarca da Independência", faça a seguinte atividade:

Pesquise sobre três monumentos em homenagem à memória de José Bonifácio e seus irmãos na cidade de Santos.

- a. Onde cada um deles está localizado?
- b. Quando eles foram construídos e inaugurados?
- c. Considerando o contexto histórico em que foram construídos, qual pode ser a função desses monumentos? Qual memória sobre José Bonifácio eles pretendem preservar?
- d. Fotografias dos monumentos e outras informações relevantes.

O movimento abolicionista em Santos

Atividade 1. Observação das imagens



1



2

- a. Quem é o personagem da imagem 1 e qual sua importância na nossa história? Onde está localizado o monumento?
- b. A imagem 2 é a fotografia de um lugar. Você sabe o que ela retrata?

Atividade 2. Leitura dos documentos a seguir

Fugiram

da fazenda da Boa Vista de Pirassununga no dia 20 do corrente os escravos seguintes :

Simão 25 annos, preto, altura regular, sem barba e desdentado, tendo na mão direita só do's dedos indicador e pollegar, e um caroço nas costas do lado esquerdo.

Gregorio 25 annos, preto fulla, sem barba, falta de dentes na frente, e pernas finas.

Quem os entregar na referida fazenda a Manoel Francisco da Silveira será gratificado com cem mil réis de cada um.

Pirassununga, 29 de Junho de 1886.

3-3 Manoel Francisco da Silveira.

1

Escravo fugido

No dia 8 de Outubro do anno proximo passado fugio da fazenda do Bom Retiro, propriedade do dr. Francisco Antonio de Araujo o escravo José, pardo claro, de 22 annos de idade, estatura regular, cheio de corpo, com a falta de um dente na frente do lado superior, cabellos avermelhados, orelha roxa, falla macia, e andar vagaroso. Intitula-se forro, e quando fugio a primeira vez esteve contratado como camarada em uma fazenda em Capivary.

Quem o aprehender e entregar ao seu senhor no Amparo, ou o recolher a cadêa em qualquer parte será bem gratificado, e protesta-se com todo o rigir da lei contra quem o acoutar.

15-9

2

Escravos fugidos

Christiano, altura mais que regular, não é bem preto, maçãs do rosto salientes, pernas arcadas, dentes limados, cabellos bem penteado, figura bonita, idade 38 annos, amansa animaes, toca viola, tem trocado o nome pelo de Felipe ; fugido a tempo.

Innocencio, baixo, mulato meio claro, fino de corpo, barba tinha só no queixo e bigode, idade de 30 annos, alfaiate, cocheiro, troca o nome pelo de João.

Nicacio, alto, fino de cara, barbado, não é bem preto, signaes no rosto que parecem ser de bezigas, arrasta uma perna, parece que a esquerda, idade 46 annos.

Ildefonso, fino de corpo, preto, barbado, sem dentes na frente, beijudo, trabalha em serviço de taquaras.

Gratifica-se á 100\$000 rs. por cada um, entendendo-se em Jundi-hy com o sr. José Benedicto Afonso.

10-3.

3



A Joaquim Francisco de Moura, fugio um escravo crioulo de nome Gabriel, alto, cheio de corpo, boa barba, meio fulla, falla carregada e compassada, pés grandes com os dedos levantados, andar balaceado parecendo cocheiar um pouco, 30 annos pouco mais ou menos de idade, é bom trabalhador de roça e entende de rebocar e tocar lotte; levou roupa de algodão de Santo Aleixo: este escravo esteve alguns annos em S. Paulo servindo uma Senhora velha da rua do Carmo, e por isso é conhecedor da cidade e seus arrabaldes, e tomou a direcção da mesma cidade. Quem o prender e recolher em cadêa segura, ou d'elle der noticia certa, n esta cidade ao annunciante e em S. Paulo ao Sr. major Francisco Martins d'Almeida, será gratificado e indemnizado da despezas que fizer para esse fim. Taubaté 17 de abril de 1858.

Joaquim Francisco de Moura. (1-3)

4

Fonte: <https://www.saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/>

Após a leitura, responda às questões.

a. Que tipo de textos são esses, quem os produziu e em que século foram publicados?

- b.** Por que os nomes, as idades e as características físicas dos escravos fugidos estão descritos? Qual a função desses textos?
- c.** Aponte trechos dos anúncios que podem indicar que os escravizados sofriam maus-tratos.
- d.** As fugas se deram em cidades diferentes de uma mesma província. Qual?
- e.** O que os anunciantes prometem aos que aprisionarem os fugitivos? E aos que os ajudarem a fugir?
- f.** Quem você acha que poderia ajudar os escravos a fugirem?

Atividade 3. A luta pela abolição da escravidão em Santos

A partir da década de 1870, formou-se na sociedade brasileira um movimento abolicionista que incluía não somente negros escravizados, libertos e livres, mas também cidadãos brancos. Esse movimento surgiu como consequência do protagonismo dos cativos na resistência à escravidão e da circulação de ideias que questionavam o escravismo. Era composto por irmandades religiosas, associações, jornais e indivíduos que teciam redes de apoio aos fugitivos. O movimento abolicionista não era homogêneo: havia diferentes estratégias de atuação e posicionamentos políticos divergentes. Monarquistas, republicanos, defensores da não participação dos escravizados no processo de abolição e os que viam essa participação como algo essencial. Leia abaixo os textos sobre duas estratégias de atuação dentro do movimento abolicionista de Santos: a Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro e Os Caifazes.

A Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro

No dia 27 de fevereiro de 1886, o movimento abolicionista em Santos ganhou especial projeção quando uma Audiência Pública Extraordinária, realizada na Câmara Municipal, libertou escravos com mais de 60 anos, em cumprimento à Lei Saraiva-Cotegipe, de 1885, conhecida como Lei dos Sexagenários. O ato gerou comemorações e motivou diversos senhores a libertarem seus escravos, totalizando 61 alforrias naquele dia. Na mesma data, foi fundada por Joaquim Xavier Pinheiro e outros santistas uma sociedade emancipadora, denominada 27 de Fevereiro, “[...] que com vigor impulse o abolicionismo nesta cidade que mais do que em qualquer outra província, conta grande número de partidários” (sic). A Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro buscava “obter a glória de emancipar o município de Santos” (sic) do escravismo.

A 27 de Fevereiro organizava-se em reuniões convocadas por meio do *Diário de Santos*, um jornal dirigido pelo abolicionista Rubim César. Nessas ocasiões, os membros da Sociedade elaboravam estratégias de atuação, principalmente a busca de recursos financeiros para possibilitar a compra de alforrias, de modo a extinguir o trabalho escravo na cidade.

Além de solicitar contribuição financeira de indivíduos e entidades, a 27 de Fevereiro promovia eventos para angariar fundos, como concertos e peças de teatro. Em algumas dessas ocasiões, alforriavam-se escravos diante do público. No dia 14 de março de 1886, por exemplo, a Sociedade Emancipadora promoveu um evento no Teatro Guarany, onde libertou doze escravos diante de duas mil pessoas na plateia. A atuação da Sociedade e sua propaganda na imprensa conquistavam a adesão de outros sujeitos à causa abolicionista. Em 30 de outubro de 1886, vários advogados tornaram pública, por meio de anúncio no *Diário de Santos*, a decisão coletiva de não mais patrocinar quaisquer causas contrárias à libertação dos escravos a partir daquele dia.

Em 1 e 2 de outubro de 1886, estimaram-se 237 escravos em Santos, de acordo com levantamento feito à época por João Guerra. Em 30 de março de 1887, esse número teria sido reduzido a 51, como resultado da atuação da *Sociedade Emancipadora*. A entidade, contudo, não se deu por satisfeita e movimentou-se para angariar mais recursos à sua ação. Demandou contribuição financeira a uma entidade recreativa denominada *Violeta*, bem como ao *Club XV*, além de colocar à venda duzentos exemplares de um discurso proferido por Ruy Barbosa.

Em 27 de fevereiro de 1888, dois anos após sua fundação, a *Sociedade Emancipadora* teria conseguido seu objetivo, a saber, libertar até o último escravo existente no município. Nesse dia, numa grande festa, a entidade entregou as últimas sete cartas de alforria concedidas pelos senhores de escravos da cidade. A partir daí, Santos foi considerada livre de cativos, mas não da legislação, que só seria revogada pouco mais de dois meses depois, com a assinatura da Lei Áurea, no dia 13 de maio.

- a. Qual era o objetivo da Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro? Como ela atuava para atingi-lo?
- b. A causa abolicionista defendida pela 27 de Fevereiro em Santos contava com o apoio de um jornal local, por meio do qual ela publicava seus comunicados e fazia propaganda. Que jornal era esse?

c. Além das publicações na imprensa, de que outras maneiras a Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro fazia propaganda de suas ações?

d. Leia o trecho abaixo, publicado no jornal *Diário de Santos*, em 10 de abril de 1887:

"A mesma directoria da 27 de Fevereiro, na sexta-feira santa, dirigiu-se a diversos cavalheiros proprietários de escravos, ultimamente matriculados, e pediu-lhes que, em testemunho de seus sentimentos religiosos e para solemnizar o grande dia do catholicismo, concedessem cartas de liberdade aos escravos que possuíam, mediante a clausula de prestação de serviços por um razoável lapso de tempo. Felizmente para a directoria, para a causa da liberdade em Santos e para a honra dos cavalheiros que receberam o pedido, tomaram estes o compromisso de conceder a liberdade solicitada" (sic).

e. Qual foi, nesse episódio, a estratégia usada pela Sociedade 27 de Fevereiro para conseguir a libertação dos escravizados?

Os Caifazes

O grupo abolicionista Os Caifazes organizou-se na província de São Paulo após 1880, sendo o principal responsável pelas fugas dos escravizados durante essa década. Com a morte do abolicionista Luís Gama, em 1882, os caifazes passaram a ser liderados pelo rico advogado paulista Antônio Bento de Souza e Castro, um dos mais importantes editores do jornal *A Redenção*. Apesar da liderança de um membro da elite paulista, os caifazes eram formados, em sua maioria, por tipógrafos, artesãos, pequenos comerciantes e ex-escravos, que constituíram redes de solidariedade para garantir a saída dos escravos das fazendas e sua inserção no mundo do trabalho.

As redes incluíam desde os chamados "cometas", caixeiros-viajantes que se deslocavam pelo interior paulista e estimulavam as fugas em suas passagens pelas fazendas, até os trabalhadores das ferrovias, que possibilitavam o transporte dos escravos fugidos. Uma vez concretizada a fuga, os cativos eram escoltados pelos caifazes até um ponto seguro e de lá seguiam para áreas indicadas pela rede de proteção, de onde eram encaminhados para quilombos. A fim de evitar que os cativos em fuga caíssem nas mãos dos capitães do mato, foi criado um sistema de senhas para avisar aos abolicionistas santistas sobre a partida de um novo grupo rumo a Santos. Enviava-se uma mensagem dizendo, por exemplo,

“tenho tantos rolos de fumo”, indicando o número de fugitivos descendo a Serra do Mar.

O Sítio da Ressaca, localizado no atual bairro do Jabaquara, na cidade de São Paulo, pode ter funcionado como um dos pontos seguros em que os cativos fugidos do interior de São Paulo paravam para descansar. No final do século XIX, a região ficava em meio à mata e é possível que o sítio estivesse abandonado, permitindo que fosse utilizado como um local de transição para os fugitivos. Dali, eles seguiam até a cidade de Santos pelas linhas férreas ou a pé por estradas nas proximidades, como a Calçada do Lorena.

A rede abolicionista de apoio e proteção indicava o melhor horário e o caminho mais adequado para a descida da Serra do Mar. Quando chegavam à Serra de Cubatão, os fugitivos eram encaminhados para o Quilombo do Jabaquara por Quintino de Lacerda e seus homens. Sob a liderança de Lacerda, negro liberto, o Quilombo do Jabaquara teria sido criado pela jovem elite abolicionista de Santos, visando a evitar que os fugitivos ficassem escondidos em porões, quintais ou outros estabelecimentos particulares e a dificultar a ação dos capitães do mato, que caçavam escravos fugidos.

- a. Qual era a função do grupo Os Caifazes? Como eles atuavam?
- b. De onde os escravos fugitivos costumavam escapar e qual o destino dado a eles pela rede de solidariedade dos caifazes?
- c. Embora liderados pela elite abolicionista branca, o sucesso das fugas arquitetadas pelos caifazes não ocorreria sem a participação de outros sujeitos. Transcreva dois trechos do texto que confirmem essa afirmação.

Atividade 4. Pesquisa em grupo e produção de um relato de viagem

1ª etapa: relatório de pesquisa

Você deverá formar, com seus colegas, um grupo de três a cinco membros para pesquisar sobre o Quilombo do Jabaquara. Para isso o grupo poderá basear-se no seguinte roteiro:

- definição de quilombo;
- localização;
- lideranças;
- organização econômica e social;
- relações com outros indivíduos e grupos na sociedade;
- relações com outros quilombos na região;
- papel desempenhado na rede abolicionista.

Quanto aos procedimentos, os membros do grupo deverão:

- desenvolver um trabalho colaborativo, por meio do intercâmbio de ideias e da discussão sobre as informações pesquisadas;
- obter as informações a partir de, no mínimo, duas fontes diferentes;
- pesquisar sites, artigos científicos, artigos de jornal, filmes, documentários, podcasts, entre outros.

2ª etapa: relato de viagem

Com base nas informações pesquisadas e no que foi estudado durante essa atividade, o grupo deverá escrever um relato de viagem sobre o Quilombo do Jabaquara:

- primeiramente, imagine que o autor do relato é um viajante que chegou ao Porto de Santos no final do século XIX e circulou pela cidade, tendo a oportunidade de testemunhar a vida no Quilombo do Jabaquara e conversar com alguns de seus moradores;
- em seguida, pense em como ele escreveu esse relato contando sobre aquela experiência (veja, a seguir, algumas características do gênero textual em questão);
- lembre-se de que o relato pode conter personagens tanto do quilombo quanto da cidade, mas que sejam participantes das histórias vivenciadas pelo autor/narrador em sua passagem pelo Jabaquara;
- esteja atento: embora o grupo possa criar personagens e imaginar situações vividas por eles, estes devem ser verossímeis, isto é, precisam estar de acordo com o conhecimento histórico produzido. Daí a importância de realizar uma boa pesquisa sobre o Quilombo do Jabaquara e obter informações complementares ao relato que se pretende escrever.

Gênero textual: relato de viagem

Na produção do texto fictício, observe as principais características do gênero. No relato de viagem, a história é contada por uma pessoa real/narrador, assim como são reais os fatos relatados, considerando:

- a descrição dos lugares visitados e das situações vividas: parte do texto é descritiva e parte do texto é narrativa;
- a inclusão de um ou mais episódios significativos;
- as indicações precisas de tempo e lugar;

- o modo particular de o autor/narrador ver e sentir os acontecimentos (prevalece a subjetividade, isto é, predominam as impressões e sensações de quem escreve);
- a apresentação dos fatos em uma sequência cronológica;
- a predominância dos verbos (geralmente no pretérito perfeito - passado - do modo indicativo) e dos pronomes na 1ª pessoa;
- a possibilidade de empregar, em vez do pretérito perfeito, o "presente histórico": o relato pode ser escrito no tempo presente, a fim de realçar os acontecimentos e dar ao leitor a impressão de estar observando tudo naquele exato momento;
- o uso de adjetivos, porém evitando-se os excessos, para registrar as impressões sobre locais, situações, pessoas, etc.;
- a escolha da variação linguística, isto é, se a linguagem será formal ou informal, dependendo do grau de intimidade entre o autor/narrador e o interlocutor/leitor;
- o sentido denotativo (básico/usual) e conotativo (simbólico/figurado) das palavras e frases para enriquecer o texto;
- a noção de que há relatos de viagem que não são só estudados pela literatura, mas também adquirem valor de documento e servem como fontes históricas.

3ª etapa: socialização e discussão

Por último, converse com seu grupo e, em seguida, com o professor e os demais colegas sobre uma forma de socializar e discutir, entre os grupos, os relatos produzidos.

Povos indígenas da Baixada Santista: a aldeia Tabaçu Reko Ypy

Introdução

Na Baixada Santista, 3.318 pessoas se declararam indígenas e, ao todo, são 17 aldeias nessa região e cinco terras indígenas localizadas nos municípios de Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá, Praia Grande, São Vicente e Bertioga.

Uma delas é a Terra Indígena Piaçaguera (TI Piaçaguera), resultado de um longo processo que se inicia em 1802. Naquele ano, um grande aldeamento foi desfeito sob o pretexto de “libertar” os indígenas do mando e dos trabalhos forçados a que eram submetidos pelos jesuítas desde o século XVI. Defendia-se que dessa maneira os indígenas poderiam integrar-se à sociedade. No entanto, eles acabaram sendo submetidos a trabalhos forçados nas propriedades privadas que se expandiram sobre as terras do antigo aldeamento.

Em 1927, foi criada por Decreto Estadual uma reserva indígena conhecida como Aldeia do Bananal, com área de 480 hectares, para reunir os índios remanescentes do antigo aldeamento que permaneciam dispersos na região. Essa área, contudo, revelou-se insuficiente para abrigar toda a população indígena. Em 2002, a TI Piaçaguera foi delimitada pela Fundação Nacional do Índio (Funai), mas sua demarcação só aconteceu muitos anos depois. Vamos estudá-la?



Limite da Terra Indígena Piaçaguera: o verde cercado pela área urbana.

Atividade 1. A Terra Indígena Piaçaguera



Povos	↕ Linguistic family	↕ Language	↕
Guarani	Tupi-Guarani	Guarani	
Guarani Nandeva	Tupi-Guarani	Guarani	

Ano	↕ População na Terra Indígena	↕ Fonte	↕
2010	350	Funai/Litoral Sudeste	
2008	340	Funai/Bauru	
2000	55	GT/Funai	

Observe as imagens acima e responda.

- Em qual município da Baixada Santista está localizada a Terra Indígena Piaçaguera?
- Quantas aldeias existem na TI Piaçaguera?
- Quantos povos existem na TI Piaçaguera? Quais são eles?
- De acordo com o último Censo demográfico, quantos indígenas viviam na TI Piaçaguera?

e. A população da aldeia tem crescido ou diminuído? Justifique sua resposta.

Atividade 2. Leitura de texto

Nesta atividade estudaremos uma das aldeias localizadas na Terra Indígena Piaçaguera. Seu nome é *Tabaçu Reko Ypy*, termo do Tupi que significa "o renascer da grande aldeia". Leia o texto para, em seguida, responder às perguntas.

A Aldeia Tabaçu Reko Ypy

A aldeia Tabaçu Reko Ypy é formada por 8 famílias e foi fundada em 26 de maio de 2012, na Terra Indígena Piaçaguera, área de 2.790 hectares, localizada na divisa entre Itanhaém e Peruíbe. Tem como princípio de vida o fortalecimento da raiz tradicional tupi-guarani. Itamirim, liderança e professora na aldeia, explica que os indígenas eram nômades e só passaram a viver em aldeamentos com a chegada dos jesuítas, que os reuniam para a catequização. "Hoje o aldeamento é importante, pois é uma maneira de conseguirmos, junto ao governo, a demarcação das terras".

Novas aldeias indígenas surgem quando um grupo da mesma etnia cresce muito e o espaço comum passa a ficar pequeno. Então, os subgrupos se espalham pelas terras e criam novos povoamentos, com organização política e social próprias. Mas a Aldeia Tabaçu surgiu também como dissidência de uma outra. Segundo Itamirim:

"Estávamos em uma aldeia em que a liderança não focava o nosso propósito tradicional de fortalecimento; esse propósito foi dilacerado pelo líder nos proibindo até de praticar a nossa tradição, isso enfraqueceu nosso espírito e [...] não conseguimos apoio da maioria da comunidade, que também foram contaminados com a sombra do esquecimento da nossa tradição, focando em individualismo e viver por viver".

A aldeia Tabaçu tem dois espaços em meio à mata. Na Aldeia Contemporânea convivem ocas, casas de barro e de madeira, luz elétrica e é permitido o uso do celular, internet e televisão. Nesse espaço, os indígenas consomem os alimentos enviados pelo governo municipal como merenda escolar. É também o espaço onde recebem os turistas e visitantes, que chegam por meio do projeto de Turismo de Base Comunitária para conhecer o modo de vida dessa população indígena.

O segundo espaço, após o lago que corta as terras, é a Aldeia Tradicional, onde os habitantes dormem e aprendem a viver na

natureza e da natureza. Itamirim explica que essa foi a maneira encontrada para ensinar as crianças a “conviverem nos dois mundos”. “Eu ensino a fazer fogo sem isqueiro, beber água sem copo, preparar um abrigo em caso de chuva, colher os frutos e saber quais podem ser comidos”.



Itamirim (“pedra pequena”), professora e importante liderança da Aldeia Tabaçu.



Um dos guerreiros da Aldeia Tabaçu.

Fonte: <https://revistanove.com.br/turismo-na-regiao/turismo-na-aldeia/>

A aldeia possui uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental (até o 9º ano), onde lecionam quatro professores bilíngues - com aulas em português e em tupi-guarani, além de outros componentes curriculares, como matemática e ciências.

Politicamente, a aldeia tem um cacique e um vice-cacique e, abaixo deles, as lideranças em várias áreas, como educação e saúde. Esses líderes são os chefes das famílias que vivem na aldeia e formam um Conselho que se reúne periodicamente para discutir interesses comuns. Itamirim explica que essa organização política foi criada pelos próprios habitantes da aldeia, não se tratando de algo que faça parte das tradições indígenas, mas uma adaptação à “realidade atual”.

As reuniões do Conselho acontecem junto ao *Tataruçu* (fogo sagrado) que, para eles, é um portal com ligação ao divino (*nhandejary*) e que os mantém protegidos de brigas e conflitos. Ao lado do *Tataruçu* há dois tocos, onde são amarrados aqueles que

descumprem as regras - crianças e adultos. "Aqui nós pregamos o amor, portanto não permitimos brigas e confusões. Quem desobedece fica amarrado aos tocos refletindo e pedindo perdão à divindade até que o Morubixaba (cacique) autorize a soltura".

A aldeia Tabaçu Reko Ypy optou por adotar a prática da partilha, na qual todo recurso é dividido entre as famílias, numa modalidade de geração de renda solidária. Alguns indígenas da aldeia têm renda, pois trabalham na cidade ou na comunidade indígena, contratados pelo governo, e esta renda é coletiva e mantém toda a aldeia. "É como se todos tivessem uma renda, pois todo o dinheiro que entra é para os interesses da aldeia". O mesmo ocorre em relação às tarefas dentro da aldeia, como a confecção e venda do artesanato, o trabalho no projeto de Turismo de Base Comunitária ou nos roçados. Tudo é realizado coletivamente.

Questões sobre o texto

- a. Quais foram os motivos para a fundação da Aldeia Tabaçu Reko Ypy?
- b. Em quais espaços está dividida a Aldeia? Como essa divisão é importante para os princípios que deram origem a ela?
- c. Segundo o artigo 231 da Constituição Federal de 1988, as Terras Indígenas a serem regularizadas pelo Poder Público devem ser: 1) habitadas de forma permanente; 2) importantes para as atividades produtivas do povo indígena; 3) imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao seu bem-estar; e 4) necessárias à sua reprodução física e cultural. Tomando como base o que você leu sobre a Aldeia Tabaçu Reko Ypy, as terras onde ela está localizada estão aptas a serem regularizadas? Justifique com trechos do texto.
- d. Pesquise: qual a situação jurídica da Terra Indígena Piaçaguera? Ela já foi demarcada? Como foi esse processo?

Atividade 3. A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas

Leia abaixo um trecho da *Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas* da Organização das Nações Unidas (ONU). Em seguida, responda às questões propostas. Se for necessário, faça uma breve pesquisa.

Artigo 3

Os povos indígenas têm direito à autodeterminação. Em virtude desse direito determinam livremente sua condição política e buscam livremente seu desenvolvimento econômico, social e cultural.

Artigo 4

Os povos indígenas, no exercício do seu direito à autodeterminação, têm direito à autonomia ou ao autogoverno nas questões relacionadas a seus assuntos internos e locais, assim como a dispõem dos meios para financiar suas funções autônomas.

Artigo 5

Os povos indígenas têm o direito de conservar e reforçar suas próprias instituições políticas, jurídicas, econômicas, sociais e culturais, mantendo ao mesmo tempo seu direito de participar plenamente, caso o desejem, da vida política, econômica, social e cultural do Estado.

- a.** O que é o direito à autodeterminação?
- b.** Com base no trecho do documento, podemos afirmar que os indígenas da Aldeia Tabaçu Reko Ypy têm exercido o seu direito à autodeterminação? Justifique sua resposta com, pelo menos, três exemplos presentes no texto que você leu na Atividade 2.

Atividade 4. Produção de texto

Escreva um texto com no mínimo 15 linhas. Você deverá abordar os seguintes assuntos:

- O que mais chamou a sua atenção na Aldeia Tabaçu Reko Ypy e por quê?
- O que a comunidade onde você vive poderia aprender com os indígenas da Aldeia Tabaçu? Por quê?